

## SERTÃO, MEMÓRIA E NARRATIVA: VISITANDO O NORDESTE DE JORGE AMADO

Analúcia Andrade Costa (UEFS)

[lucialaje@bol.com.br](mailto:lucialaje@bol.com.br)

Celeste Maria Pacheco de Andrade (UEFS)

**Sertão: quem sabe dele é urubu, gavião, gaivota, esses pássaros: eles estão sempre no alto, apalpando ares com o pendurado pé, com o olhar remedindo a alegria e as misérias todas. (ROSA, 1986, p.276)**

**Sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! (ROSA, 1986, p. 179)**

### **1. Considerações preliminares**

Jorge Amado ao escrever *Seara Vermelha* (1946) seleciona acontecimentos sociais e históricos que marcaram a década de 30 no Brasil e oportuniza visibilidade a várias imagens sertanejas que constituem o *corpus* dessa obra. O autor desloca o seu olhar ficcional para uma região, que até então, se mantinha sublimada em sua narrativa: o sertão e os problemas do sertão. Um recorte geográfico que nesse discurso ficcional é apresentado como feroz, misterioso, indômito, ameaçador, implacável, distantes e gigantescas dimensões territoriais. As representações imagéticas e discursivas na seara amadiana adquirem uma dimensão trágica. Se o tempo do discurso é 1946, data da publicação da obra, o tempo da narrativa corresponde a toda década de 30.

#### **Segundo Duarte**

Entre o alargamento de horizontes e a partidarização, *Seara Vermelha* espelha a duplicidade construtiva. O primeiro movimento é de abertura e leva o texto para os caminhos do romance histórico; o segundo, de nítido fechamento, submete a perspectiva à clausura do discurso partidário [...]. Isto faz com que a narrativa, a todo instante, se debata na contradição fundamental entre narrar e demonstrar: entre deixar que falem os conflitos da história social nordestina ou abrir espaço à voz poderosa da ideologia que os quer conduzir. (DUARTE, 1996, p. 168-169)

O registro do pensamento de Luís Carlos Prestes mencionado por Amado no prólogo do romance reforça o teor de denúncia da narrativa atrelado ao momento de efervescência política vivido pelo autor que em

1946 foi eleito deputado federal pelo PCB por São Paulo: “... está no latifúndio, na má distribuição da propriedade territorial, no monopólio da terra, a causa fundamental do atraso, da miséria e da ignorância do nosso povo.” Na narrativa, todos os males advêm da exploração ao sertanejo que refém do sistema oligárquico e político das primeiras décadas do século vinte é vitimado pela má distribuição da terra. A migração da família de Jerônimo não ocorre em decorrência de fatores climáticos, passionais ou políticos, temas comuns ao romance de 30.

Ao fugir da tradição do romance de 30 e apontar o nomadismo dos retirantes sendo causado pela má distribuição fundiária, o escritor denuncia a ocupação das terras da região Nordeste e, por conseguinte, do Brasil. A narrativa se inicia em uma fazenda situada no sertão do Nordeste em seguida há a travessia dos retirantes, que enfrentam todas as adversidades até chegarem em São Paulo e a apresentação dos movimentos sociais que caracterizam a região: o cangaço e o messianismo. Essa busca desenfreada por São Paulo preanuncia o objetivo do autor: revelar o interior brasileiro vitimado pela concentração de terra nos grandes sertões do interior no Nordeste.

Segundo Gilvan Procópio Ribeiro, na tese de doutorado *Linguagens e Diversidade – Uma Leitura de Jorge Amado e Boaventura Cardoso*,

*Seara Vermelha* é, sem dúvida um dos romances mais violentos de Jorge Amado. A própria temática já contém em si elementos dessa violência: misturam-se aqui a questão do latifúndio e da exploração dos trabalhadores do campo; a migração forçada, através da caatinga calcinada pela seca e, nas condições sub-humanas nos barcos do São Francisco, os problemas do beatismo messiânico e apocalíptico do cangaço, e o levante militar de 1935 em cidades do Nordeste brasileiro (a tão falada intentona comunista) (RIBEIRO, 2007, p. 56)

Celeste Pacheco de Andrade (2000) no artigo “Bahias de Amado: a ficção fundando uma outra geografia” aproxima as demarcações de espaços e fronteiras, atreladas à narrativa literária, objetivando abordar uma “geografia” que se inscreve no imaginário, mas que nem por isso deixa de ser importante. Segundo a autora, Jorge Amado como “porta-voz da Bahia” ao longo de sua produção literária confeccionaria um mapa regional para alocar as suas narrativas e os problemas sociais que assolam a Bahia e o Nordeste. A autora cataloga e analisa as obras amadianas, não pelo viés político ou ideológico, mas pelas regiões de onde brota a fic-

ção. Assim teríamos as narrativas que se reportam ao sul da Bahia<sup>110</sup> e que correspondem ao eixo Ilhéus-Itabuna e que compõem a saga do cacau, que narram o desbravamento das terras, a exploração dos trabalhadores e o poder dos coronéis. E, o recorte espacial onde o escritor contempla com a maior parte de sua produção: a cidade da Bahia, uma “Bahia” que incorpora a parte mais antiga da cidade de Salvador<sup>111</sup> estendendo-se até o Recôncavo Baiano, espaço este de liberdade e a realização da felicidade. A “outra” Bahia se refere ao sertão<sup>112</sup> onde o autor entrelaça as imagens e cenas dos romances a uma conhecida realidade brasileira e nordestina, presente na literatura como um espaço marcado pela seca, pobreza, miséria, cangaço, movimentos messiânicos.

### Segundo Andrade:

A representação da “Bahia” identificada como sertão na ficção de Amado tem como componentes a permanente estiagem mais precisamente a seca, a caatinga praticamente definidora de uma paisagem hostil diante da qual os personagens ainda que fortes, são elevados à altura de heróis, passam dificuldades que, no final, não são superadas. (ANDRADE, 2000, p. 202)

É deste sertão que se mescla à ideia de Nordeste e da sua configuração humana, geográfica e sociológica que conferirá autenticidade e verossimilhança à obra *Seara Vermelha*. No espaço da narrativa, a felicidade se distancia do sertanejo e o poder se concentra nas mãos dos coronéis. No sertão amadiano, homens se rebelam e se transformam em cangaceiros e beatos para confrontar o sistema oligárquico e feudal. Sobre *Seara Vermelha*, Jorge Amado, em entrevista concedida a Alice Raillard (1992), afirma que após escrever *Terras do Sem Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944) “tomou o sertão como cenário e abordou os principais problemas da região: o drama da seca e o grande latifúndio, muito mais para ele o latifúndio e tendo a seca figurando como pano de fundo.”

E *Seara Vermelha* é novamente outro território: o sertão. É o único que caso em que eu uso o território do sertão da Bahia como a terra do meu livro. Não é nem a cidade da Bahia; nem são as terras do cacau. É um livro de gran-

---

<sup>110</sup> *Cacau* (1933), *Terras do Sem Fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Gabriela, Cravo e Canela* (1958)

<sup>111</sup> Romances cujas ações se desenrolam nesse espaço: *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães da Areia* (1937), *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* (1961), *Os Pastores da Noite* (1964), *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1966), *Tenda dos Milagres* (1969), e o guia *Bahia de Todos os Santos: Guia de Ruas e Mistérios* (1945).

<sup>112</sup> *Seara Vermelha* (1946), *Tereza Batista Cansada de Guerra* (1972), *Gabriela, Cravo e Canela* (1958) visto que a personagem Gabriela fuge da seca para Ilhéus em busca da terra prometida.

de intenção política, começando pelo título, tirado do verso de Castro Alves. Este livro foi publicado pela primeira vez na França, em *Les Lettres Françaises*, em 49. (RAILLARD, 1985, p. 163)

Duarte (1996) postula que o discurso ficcional em *Seara Vermelha* (1946) marca uma dupla inflexão na obra amadiana: a primeira diz respeito ao alargamento de horizontes ocorrido na problemática abordada. O romance ultrapassa as fronteiras baianas e se volta para as questões de maior amplitude no quadro político e social do Nordeste. Abandonando momentaneamente espaços imortalizados pelo autor em seus romances como a cidade da Bahia de Todos os Santos, o Recôncavo baiano e a região sul da Bahia, Amado se aventura a narrar o drama dos sertanejos espoliados e expulsos das terras onde trabalhavam.

## 2. *Onde está o sertão?*

Uma das origens do termo “sertão” é associada ao nome de um dos desbravadores do interior do Nordeste, em terras até então ocupadas por índios tapuias, o capitão Domingos Afonso iniciou as andanças pela região e adotou o apelido de “sertão.”

Por volta de 1671, desbravou o Piauí e, daí, para o sul, sendo-lhe concedidas terras da sesmaria pelo governador de Pernambuco. Desde então com seus associados levantou fazendas de pastoreio, efetivando-se relações comerciais com o litoral tem o início de novas terras descobertas pelos colonizadores. Falava-se nas terras do capitão Sertão. (FREIXINHO, 2004, p. 205)

Janaína Amado ressalta que a categoria sertão é tão importante para os nordestinos, tão preta de significados, que sem ela, a própria noção de “Nordeste” se esvazia, carente de um de seus referenciais essenciais. Devido à magnitude do termo “No conjunto da historiografia do Brasil, em termos de senso comum, pensamento social e imaginário, poucas categorias têm sido tão importantes para designar uma ou mais, quanto a de *sertão*.” (AMADO, 1995, p. 145) O significado da palavra sertão depende do local de onde a palavra é emitida e por quem. No período das bandeiras, simboliza o local perigoso para os bandeirantes, exílio para os mais abastados como governadores e autoridades que nele residiam e, os expulsos da sociedade viam o sertão como possibilidade de vida nova, podendo reiniciar as vidas sem o temor de serem reconhecidos ou perseguidos pelas autoridades. Segundo Janaína Amado (1995) “inferno ou paraíso, tudo dependia do lugar de quem falava.”

A palavra sertão constitui enquanto significante um símbolo imagético discursivo repleto de significados que abarcam a terra, o homem, o espaço cultural e se torna símbolo no final do século XIX de um discurso da identidade nacional. Primeiramente os territórios distantes do litoral eram denominados sertão. Depois, esse espaço passa a ser concebido como tudo que não representava o progresso e o desenvolvimento e, quando incorporado definitivamente ao imaginário nacional, constitui-se em terreno fértil para as narrativas da nação.

Segundo Albuquerque (2001), houve a necessidade de se implantar um discurso sobre o Nordeste para que a região adquirisse representatividade no cenário nacional, isto se deve ao princípio de que nas primeiras décadas do século XX, politicamente o país se configurava sobre dois eixos: norte e sul. Albuquerque explicita a seca, o messianismo e o canção como instrumentos que corroboraram para uma ideia imagética discursiva do que seria a região nordeste. Ele ainda afirma que “O Nordeste é, sobretudo, filho das secas”.<sup>113</sup> (2001, p. 81). Muito se falou sobre esta nova região que aparecia para o Brasil caracterizada pelas calamidades climáticas, violência, barbárie e ausência de civilização. Criou-se um conceito sobre o Nordeste e os dispositivos acerca da região foram aceitos e sedimentados.

Esses discursos revelavam muito sobre o país e esse espaço que se torna mítico e real, uno e múltiplo e que representa no imaginário popular a ideia de grandiosidade, superação, conflitos entre o mundo exterior e o interior, o distante e o próximo, travessia, passagem, encantamento, situando-se entre a tradição e a modernidade, permitindo uma abordagem social e histórica a partir de muitas clivagens e significados.

Ao refletir acerca do significado do vocábulo sertão, Janaína Amado (1985) é enfática ao afirmar que as inúmeras e concretas possibilidades de aplicabilidade do vocábulo, extrapolam o próprio campo semântico e não cabem em si mesmo devido ao vigor e tenacidade que se propagou no imaginário literário, geográfico e cultural por ser associada a : Imensidão, espaço longínquo, liberdade, superação, morte e vida, provação e privação, abundância poderiam também ser conceitos facilmente cabíveis ao vocábulo Sertão.

---

<sup>113</sup> A região passa por vários períodos de secas. Pode-se mencionar a de 1877 que dura anos, a do início do século XX e entre 1952 e 1956.

Em *A Pátria Geográfica: Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro* (1997), Candice Vidal e Souza destaca a conquista do espaço geográfico como um dos pressupostos para a ideia de nação. A autora destaca que a noção de pátria e de identidade nacional estão associados à conquista do território brasileiro, atribuindo-lhe fronteiras até então desconhecidas de territórios que embora pertencessem ao espaço nacional eram ignorados pela maioria dos brasileiros o que impedia que se conhecesse com precisão o território nacional e o alargamento e consolidação das fronteiras internas. Esses espaços geográficos representados nos discursos de ensaístas, cronistas, viajantes, sociólogos, historiadores e literatos entre outros gravitam em torno de duas concepções territoriais que se tornaram indispensáveis para se pensar o território nacional: sertão e litoral.

Lúcia Lippi Oliveira (1998), no artigo “A Conquista do Espaço: Sertão e Fronteira no Pensamento Brasileiro”, destaca a importância da categoria espacial sertão para a conquista e a expansão do estado brasileiro. A autora ressalta que durante os séculos da conquista do território brasileiro o vocábulo sertão foi empregado tanto positivamente como negativamente. Definido como

região agreste, semiárida, longe do litoral, distante de povoações ou de terras cultivadas, pouco povoada e onde predominam tradições e costumes antigos. Lugar inóspito, desconhecido, que proporciona uma vida difícil, mas habitado por pessoas fortes. O cabra, o cangaceiro aparece como a encarnação do herói sertanejo. (LIPPI 1998, p. 2)

Segundo Lucia Lippi (1998), a literatura brasileira evoca o sertão sob três perspectivas: primeiramente “sertão como paraíso”, “sertão como sofrimento” e “sertão enquanto local da travessia”.

Evoca-se um paraíso perdido em que tudo era perfeito, belo e justo e cuja linguagem retrataria uma pureza original a ser apreciada e preservada. O sertão ameno e paradisíaco encontrado no romance *O sertanejo*, do escritor José de Alencar com belas paisagens no recorte geográfico denominado “brejo”, antes de sertão. Nesse espaço... Visconde d' Taunay no romance *Inocência* sertão adquire o status de natureza imponente e de várias áreas intocadas. O segundo conceito de sertão o associa ao inferno. O destempero da natureza, o desespero dos que por ele perambulam (retirantes, cangaceiros, volantes, beatos) a violência como código de conduta, o fatalismo, são os principais traços apontados. Por fim, o sertão é o purgatório. Lugar de passagem, de travessias, definido pelo exercício da liberdade pela dramaticidade da escolha de cada um. Identificado como lugar de penitência e de reflexão, o sertão aparece como reino a ser desencantado e decifrado. Aqui estamos no mundo de Guimarães Rosa. O sertão como reino do fantástico e do mito (LIPPI, 1998, p. 5)

O sertão construído por Jorge Amado revela uma região distante, afastada da civilização, indômita, arcaica. Espaço habitado por coronéis, cangaceiros, beatos e sertanejos explorados e destituídos dos direitos básicos. Dos conceitos que definem o sertão por Lippi, o recorte geográfico desenhado pelo escritor baiano não simboliza o paraíso ameno, nem a região de travessia e de descobertas. É o sertão marcado pela seca, fome, exploração e violência. O recorte geográfico que se opõe ao litoral e à civilização, marcado pelo atraso, pela subalternidade, pela ausência de direitos nas glebas, afastado dos centros urbanos e incrustados em locais distantes.

Para Arruda (2000, p. 13) “O sertão é arcaico, o lugar da ação do clientelismo político, dos coronéis, do populismo, da violência e onde não há possibilidade de ação política de cidadãos livres e conscientes.” Ainda segundo Albuquerque (2001), o sertão deixa de ser aquele espaço abstrato que se definia “a partir da fronteira da civilização” e regiões longínquas e interioranas porque as fronteiras são demarcadas, as áreas territoriais ocupadas e transformadas em cidades e o conceito de sertão passa a simbolizar a região Nordeste. Apenas o Nordeste passa a ter sertão que ascende à caracterização máxima como símbolo da região, sendo considerado como o coração do Nordeste.

O espaço nordestino vai sendo dotado de uma visibilidade e dizibilidade, caracterizado por imagens e ordenações da vida rural ou urbana, do litoral ao sertão, narrado por cantadores, poetas e romancistas. Espaço fundado historicamente oriundo de uma tradição do pensamento, por textos e quadros que lhe conferiram o status de realidade imagética-discursiva. Para tanto, os discursos da geração de 30, também conhecida como a geração dos romancistas que escreveram sobre a sua região, buscava com emergência uma descrição sociológica do homem e dos problemas da região.

O chamado “romance de 30” institui como “temas regionais”: a decadência da sociedade açucareira; o beatismo contraposto ao cangaço, o coronelismo com seu complemento: o jagunço, a seca com a epopeia da retirada. Esses temas presentes na literatura popular, nas cantorias e desafios, no discurso político das oligarquias foram agenciados por essa produção literária, tomando-os como manifestações que revelariam a essência regional. (ALBUQUERQUE, 2001, p. 137)

O “romance de 30” aborda, a partir de discursos sociológicos as várias realidades do Nordeste, com a presença de personagens típicos e que representam as identidades regionais. Personagens reveladoras de seus espaços, do modo de vida e de seus problemas. Os escritores se

apropriam desses símbolos identitários e inserem no interior das narrativas coronéis, cangaceiros, beatos, retirantes, valentões, milagres, cenas de violência, o sertão mítico, os engenhos da cana de açúcar, a seca e a fome.

### 3. *Narrativas do sertão de Jorge Amado*

*Seara Vermelha* é a narrativa de uma família de retirantes nordestinos que após serem expulsos das terras onde trabalhavam há mais de vinte anos, decidem migrar para São Paulo, que na narrativa adquire o status de terra prometida. Existe uma denúncia velada na expulsão dos treze membros da família de Jerônimo e Jucundina: não são as condições climáticas responsáveis pelo êxodo familiar, mas o fato de serem dispensados e expulsos das terras.

Não existem na narrativa referências que possibilitem identificar a localização da fazenda, o que nos leva à conclusão de que as precárias condições impostas aos trabalhadores eram comuns em toda a região. O narrador relata um sistema semifeudal de relações trabalhistas com os meeiros sendo obrigados a comprar no armazém da fazenda os alimentos básicos para a alimentação diária e a trabalhar um dia gratuitamente para o proprietário da terra. Amado ao omitir com precisão o espaço da narrativa, sugere que situações como as vivenciadas por esses trabalhadores rurais podem acontecer em qualquer local da região Nordeste.

Quando a fazenda do coronel Aureliano é vendida, todos são expulsos das terras onde durante anos trabalhavam e, por não terem mais de onde retirar o sustento diário optam pela longa migração: “São homens jogados fora pelo latifúndio e pela seca, expulsos de suas casas, sem trabalho nas fazendas que descem em direção s São Paulo.” (AMADO, 1977, p. 56) Não é a seca a causadora do êxodo, mas os retirantes tornam-se vítimas da má distribuição da terra, ou seja, vítimas do latifúndio e da ausência dos direitos trabalhistas e do abandono nas glebas.

O sertão amadiano é um espaço de sofrimento, afastado do litoral, de provações, de seca, afastado da civilização e que expõe o sofrimento dos sertanejos. Um espaço incrustado entre os grotões: “Não é a única assim nesse sertão de imensas fazendas e de fome.” (AMADO, 1977, p. 40) “Nenhum tocador como ele em todas aquelas terras, nas fazendas que se sucediam por léguas e léguas no sertão do Nordeste.” (AMADO, 1977, p. 36) O sertão, na narrativa amadiana, corresponde a esse espaço



distante, esquecido, com leis próprias ditadas pelos coronéis e cumpridas pelos empregados que habitavam regiões imensas comparadas pelo narrador a estados: “Foi assim que o nome de Zefã começou a circular além dos limites da fazenda, que era uma daquelas imensas fazendas do sertão, grandes como Estados, separadas do resto do mundo, como se em torno delas se elevassem muralhas.” (AMADO, 1977, p. 43)

Espaço que segundo Lucia Lippi (1998) pode ser associado ao verdadeiro inferno, calcinado com todas as condições adversas à vida humana. O próprio título de “O Livro Primeiro”, onde se inicia a segunda parte da narrativa, também conhecido como “Os caminhos da fome”, já preanuncia o que estava por vir: a peregrinação em um espaço de puro suplício, de privações, onde apenas os animais peçonhentos e venenosos habitavam e sobreviviam, sem caminhos que indicassem qual direção seguir, sem sombras para proteger o retirante do sol inclemente, espaços onde os laços de solidariedade se desfazem e a própria crença na sobrevivência passa a ser uma incógnita, sem indicação de partida e de chegada, os retirantes têm minadas as chances de sobrevivência pela caatinga que se estende por todo o sertão de onde ouviam “Outros homens repetiram, pelo sertão esfomeado, palavras semelhantes [...]”

Nesse sertão onde existe a impossibilidade de vida, exceto para as cobras mais venenosas como a cascavel, a coral, a jararaca e a jaracuçu. Apenas os animais mais temidos pelos sertanejos sobreviviam ali e lagartos. A própria vegetação se incumbem de ferir e de agredir a pele dos caminhantes, com espinhos que perfuram e cortam, o chão rachado e íngreme machuca os pés dos sertanejos, cortando, ferindo. O sertão se configura como um local intransponível para os homens, ferindo pelo calor, pelo medo, pela ausência de demarcações seguras que indicassem o caminho seguir.

Agreste e inóspita estende-se a caatinga. Os arbustos ralos elevam-se por léguas e léguas no sertão seco e bravo, como um deserto de espinhos. Cobras e lagartos arrastando-se por entre as pedras, sob o sol escaldante do meio-dia. São lagartos enormes [...] são as cobras mais venenosas, a cascavel e o jaracuçu, a jararaca e a coral. [...] os espinhos se cruzam e o intransponível deserto, o inviolável coração do Nordeste, a seca, o espinho e o veneno, a carência de tudo, do mais rudimentar caminho, de qualquer árvore de boa e sugosa fruta. (AMADO, 1977, p. 55)

O espaço descrito pelo narrador é impróprio para a vida humana. Arcaico, indômito, o grande desencadeador do sofrimento dos retirantes que sucumbem e morrem. Um sertão longe de tudo, marcado pela pobre-

za e pela miséria, por coronéis que expulsam trabalhadores que precisam atravessar o “inviolável coração do Nordeste.”

Além de descrever as características geográficas e as condições subalternas da vida dos sertanejos espoliados dos seus direitos, Jorge Amado insere na narrativa outras representações simbólicas e históricas que compunham o mapa ideológico de cultural da região Nordeste: a fé messiânica e o cangaço.

No âmbito dos estudos culturais, a narrativa traz para o seu interior tipos humanos marginalizados e periféricos, mas que se tornam líderes e representantes populares. A literatura engajada da qual Jorge Amado é um dos maiores representantes, torna-se um mecanismo importante para tomada de posição política e veículo de denúncia das mazelas sociais. A literatura goza o *status quo* de mecanismo portador da revolução, do ensinamento, de conscientização das massas, de propagação do projeto político do partido. O projeto estético literário de Jorge Amado confunde-se com a sua própria ideologia marxista. É a voz do partido que ecoa na narrativa opondo de um lado os pobres e oprimidos e do outro a classe exploradora e dominante.

Os filhos de Jucundina e Jerônimo transformam-se em ícones das transformações sociais e históricas, optam por trilharem caminhos diferentes e, na narrativa, representam no interior do romance, as principais forças da época da ordem e também da contraordem: o cangaço, o messianismo, o exército e a força policial. José, fugindo da exploração latifundiária adere ao grupo de Lucas do Arvoredo, João assenta praça como policial e Nenen ingressa no exército e se torna um dos líderes da Inten-tona Comunista.

Para proporcionar veracidade ao drama das personagens, o autor cita nomes de ícones do cangaço e de movimentos religiosos e messiânicos que eclodiram na região Nordeste. Menciona Lucas da Feira<sup>114</sup>, Lampião, Pe. Cícero, Antonio Conselheiro<sup>115</sup>, aproximando as ações de

---

<sup>114</sup> Escravo que em 1828 fugiu e juntou-se em Feira de Santana a um bando do qual passou a ser chefe. Os historiadores se dividem quanto ao papel social de Lucas Evangelista, conhecido como Lucas da Feira enquanto para uns ele representava o “Hobin Hood” sertanejo, para outros era um bandido comum por atribuírem a ele inúmeros assaltos cometidos contra a população de Feira de Santana.

<sup>115</sup> Antonio Conselheiro, líder religioso do Arraial de Canudos, fundou a cidade de Belo Monte com os seus seguidores que chegaram a um total de 25.000 homens. Pregando contra a República e criticando a igreja, atraiu a ira do governo. Em 05 de outubro de 1897, Canudos é destruída pelas tropas, mas Antonio Conselheiro morrera antes, não se sabe ao certo a causa da morte

seus personagens dos famosos feitos dos cangaceiros e líderes religiosos. Na década de 30 do século XX o cangaço tornou-se um movimento social que divide até hoje a análise de estudiosos e leitores, ao refletir se o cangaceiro é bandido ou vítima do sistema social da época.

Para os camponeses os cangaceiros eram bravos, corajosos, pois em meio ao sertão bravio apenas eles conseguiam se deslocar sem sentir a agressão da natureza, conhecedores dos seus caminhos e vielas, os espinhos, croás, mandacarus e xique-xiques os protegiam ao dificultarem a perseguição da volante, eram capazes de se esconder em meio à caatinga que para eles era amiga e protetora. Consequiam ir aonde outros homens não se atreviam, por isso gozavam do respeito e admiração dos moradores do sertão. Não sucumbem à ausência de água ou de comida, não são picados pelas cobras venenosas, o sertão é acolhedor. A vegetação que agride aos sertanejos e a volante, funciona como uma camuflagem amiga e estabelece um marco impeditivo para os aparelhos do Estado, ou seja, fronteira que impede a perseguição dos soldados e das forças das instituições opressoras.

Aqui na caatinga habitam os cangaceiros. Os soldados da vingança, os donos do sertão. não têm paz, nem descanso, não têm quartel nem bivaque, não têm lar nem transporte. Sua casa e seu quartel, sua cama e sua mesa são a caatinga, para eles bem-amada. Os soldados da polícia que os perseguem não se atrevem a penetrar por entre os arbustos de espinhos, os pés de xiquexiques e croás. Ao lado das serpentes e dos lagartos, vivem os cangaceiros na caatinga [...] (AMADO, 1977, p. 56-57)

O termo “caatinga bem-amada” evidencia o grau de afetividade entre o cangaceiro e sertão. Conhecedores de seus caminhos são capazes de andar léguas e léguas sem quebrar um único galho, sem deixar pistas, arrastam-se em meio aos espinhos sem se ferirem, enxergam em meio a escuridão. Pela primeira vez no romance amadiano, as classes populares se organizam e “pegam em armas” para contestar os desmandos sociais. Seguindo a trilha do romance romanescos, o oprimido ascende a herói, as idas e vindas do cangaceiro relembram viagens impossíveis e travessias fantásticas, a própria sobrevivência em um espaço impróprio à vida humana alavanca a ideia de feito impossível. Aventureiros e destemidos, não temem nada nem mesmo a morte, trilhando o caminho do feito impossível; são típicas representações positivas do oprimido.

Assim, observamos que na seara amadiana as pistas históricas funcionam como artefatos literários. O latifúndio, as migrações, a semi-escravidão dos trabalhadores rurais, a morte pela caatinga, a desagregação familiar, a fome e os cangaceiros e beatos permite ao leitor dialogar

com as questões sociais do tempo narrativa. A riqueza de detalhes conferida pelo narrador do romance, em cada um de seus blocos, familiariza o leitor com a realidade de muitos nordestinos da década de 30 do século XX. Jorge Amado, ao escrever *Seara Vermelha*, estabeleceu uma linha tênue entre o discurso histórico e o ficcional, visto que ao utilizar a linguagem como ferramenta ele constrói um narrativa de denúncia social, recorre à memória e reúne em um mesmo romance o tripé da identidade nordestina: o cangaço, a seca e o messianismo.

Ao utilizar as imagens veiculadas sobre o Nordeste na década de 30, Amado se apropria do discurso para visibilizar as visões que povoavam o sertão arcaico. O teor realista presente na obra revela o compromisso social do escritor que se encontrava em pleno período de efervescência literária e ideológica. A observação histórica e o contato *in locus* com tipos humanos que foram representados em seus romances, conferiram às obras de Jorge Amado uma riqueza de detalhes e de impressões que beiravam o real, conferindo à narrativa algo de natural que a aproximava da história verdadeira e que contribuiu para a compreensão dos sofrimentos das populações em êxodo e excluídas, sobretudo porque nessa obra, há a narração da penúria e insegurança dos despossuídos que migram incertos em busca da sobrevivência e fugindo das injustiças sociais. Em *Seara Vermelha*, a terra adquire uma dimensão ontológica para o homem, enfatizando as condições migratórias impostas às personagens das narrativas.

O escritor revela um mundo de exploração onde a terra era mal distribuída e pertencia a poucos. Um espaço ficcional em que homens, mulheres e crianças eram escravizados, desprovidos de assistência dos órgãos competentes e vistos como “seres de segunda classe” dentro de seu próprio país. Em *Seara Vermelha* o nordestino representado pela família de retirantes já adquirira o rótulo de “raça inferior”.

A religiosidade abordada por Amado adquire outra dimensão dos romances que o precederam: não há apelo para o sincretismo religioso ou a exaltação e defesa da religião africana. A religiosidade transforma-se em uma ferramenta de combate, em um instrumento para contestar a ordem vigente pelas mãos do beato Estevão que incentiva os trabalhadores a abandonarem as fazendas ao afirmar que “o mundo iria acabar”. Assim, o messianismo na seara amadina “aparentemente” exhibe tons pacíficos é comparada no romance com o Novo Canudos.

O líder religioso dos sertanejos, o beato Estevão, aos olhos do narrador do romance, é a última esperança dos sertanejos ao representar na narrativa uma senda de vida para os males do sertão,

Um dia, no fundo, do agreste sertão, onde a fome mata os homens, os rios secos pelo sol ardente, os coronéis tomando as terras dos lavradores, mandando liquidar os que discutiam, os imigrantes partindo em levas sucessivas para o sul, os cadáveres ficando pelas estradas, quando morriam crianças às centenas, e as que cresciam eram doentes e tristes, quando o impaludismo se es tendeu como um manto de luto e a bexiga negra deixou sua marca mortal em milhares de faces [...] quando já não restava nenhuma esperança no coração cansado dos sertanejos, apareceu o beato. (AMADO, 1977, p. 236)

À chegada do beato Estevão, ocorre uma descrição dos dolorosos acontecimentos que acometem os sertanejos, o narrador relata uma graduação dos piores infortúnios e dores que matam e fragilizam a esperança, mas com a chegada do beato acende uma senda de esperança para os sertanejos desprovidos dos direitos e entregues à própria sorte. Para os sertanejos desprovidos de esperança o beato era um enviado dos céus para defendê-los das maldades dos homens e da própria igreja: “E de ponta a ponta do sertão, nesse imenso país de tanta miséria e tanta riqueza, por todos os caminhos da febre e da fome, correu o nome do beato Estevão[...]. (AMADO, 1977 p, 238) Os animais da caatinga, temidos pelo veneno mortal, se curvam ao beato: “Como duvidar do seu poder sobrenatural, da sua santidade se as cobras, as mais temidas – a cascavel, o jaracuçu-cabeça-de-platona, jararaca – saíam do caminho ao seu passo e o acompanhavam?” (AMADO, 1977, p. 237).

O narrador, ao revelar que “Essas coisas se passavam no sertão onde a fome cria bandidos e santos” (AMADO, 1977, p. 239), reforça o objetivo do escritor em denunciar uma realidade social de uma população abandonada à própria sorte e vítima do sistema de exploração latifundiário. Os cangaceiros e beatos, segundo o narrador preocupado em legitimar o discurso messiânico, centrando-o contra o latifúndio, eram vítimas e crias do sistema de exploração e da negação dos direitos humanos. Vozes da revolta que contestam o abandono da região e as precárias condições de vida dos nordestinos e que evidenciam o compromisso social do escritor com o seu tempo e o seu país.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

AMADO, Janaina. Região, sertão e nação. *Estudos Históricos*, vol. 8, n 15, p 145-51.

AMADO, Jorge. *Seara vermelha*. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

ANDRADE, Celeste M. Pacheco. Bahias de Amado: a ficção fundando uma outra geografia. In: FONSECA, Aleilton; PEREIRA, Rubens Alves (Orgs.). *Rotas & imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana, UEFS, 2002.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Dionísio & cia. na moqueca de dendê: desejo, revolução e prazer na obra de Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2003.

ARRUDA, Gilmar. *Cidades e sertões: entre a história e a memória*. São Paulo: Edusc, 2000

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

FREIXINHO, Nilton. *O sertão arcaico do Nordeste do Brasil: uma releitura*. Rio de Janeiro: Imago. 2003.

LIPPI, Lúcia Oliveira. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento nacional. *História, Ciências, Saúde*, vol. V, p 195-215, julho, 1998.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad.: Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1992.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RIBEIRO, Procópio Gilvan. *Linguagens e diversidades: Uma leitura de Jorge Amado e Boaventura Cardoso*. Niterói: 2007. Tese de doutorado. Disponível em: <[http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde\\_arquivos.pdf](http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos.pdf)>. Acesso em: 17-07-2013.

SOUZA, Candice Vidal e. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: UFG, 1997.